

A RELAÇÃO ENTRE DIÁRIO E MEMÓRIA EM O AMANUENSE BELMIRO

*Aliny Santos Justino**

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Neste trabalho, iremos desenvolver o enfoque teórico do diário, como parte da escrita de si, de acordo com as formulações de Phillipe Lejeune (2008) e Béatrice Didier (1991). Dessa forma, nosso objetivo principal é analisar a relação entre diário e memória em *O Amanuense Belmiro*. Assim, a exposição das características que compõem a estrutura e o funcionamento do diário conduzirá sempre ao estabelecimento das manifestações específicas dessa relação no romance de Cyro dos Anjos. Inicialmente, analisaremos a relação que existe entre o diário e as memórias, tendo em vista que o diário se apresenta para o narrador-personagem como um modo de fixação mnemônica das situações do presente, que se tornarão memória. Nesse sentido, abordaremos a oposição entre passado e presente que integram o diário de Belmiro. Em seguida, trataremos do diário como uma maneira de isolar-se do presente – e aqui estarão inclusos pressupostos iniciais que caracterizam o diário e sua formação que, por sua vez, favorecem as reflexões do personagem sobre seu passado e seu presente – onde faremos uma distinção entre àquelas que constam do diário e outras que tem uma relação com a ação narrativa. Por fim, abordaremos a formulação de Maurice Blanchot (1987) para discutirmos a tensa relação existente entre diário e romance na construção da obra.

Palavras-chave: Diário. Memória. Romance. Escrita de si.

Belmiro é um burocrata, funcionário da Seção de Fomento Animal, que vive em grande conflito com o mundo – grande traço do seu processo constitutivo. De um lado está a riqueza do seu mundo interior, e de outro a realidade, a qual ele vê como sendo a força destruidora que o impede de ser tudo aquilo que deseja ser. Em consequência deste conflito é que o narrador-protagonista empreende seus mergulhos no passado, para tentar buscar nessas lembranças dos “tempos idos” os seus pontos de apoio, que se materializaria na forma de



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

* Mestre em Letras: Estudos Linguagem (Universidade Federal de Ouro Preto). Área de atuação em Estudos Literários – Linguagem e Memória Cultural.

um livro de memórias. Não obstante, seu empreendimento torna-se falho à medida que o projeto de memórias dá lugar a um diário em que relata os acontecimentos de sua vida e de seus amigos. Logo, vê-se que há na narrativa uma relação entre o projeto de um livro de memórias e a elaboração do diário, que é de importância decisiva para a análise de *O Amanuense Belmiro*.

Inicialmente, o narrador-personagem está imerso em um projeto que consiste na escrita de suas memórias como possibilidade de reviver o passado de sua família. Na verdade, o personagem é um ser que não se sente à vontade no mundo em que vive. Na tentativa de se encontrar, ele crê que é rememorando o passado e os velhos tempos de Vila Caraíbas, lugar onde passou sua infância ao lado da família Borba, que se sentirá completo:

Meu desejo não é, porém cuidar do presente: gostaria apenas de reviver o pequeno mundo caraibano, que hoje avulta a meus olhos. Minha vida parou, e desde muito me volto para o passado, perseguindo imagens fugitivas de um tempo que se foi. Procurando-o procurarei a mim próprio. (ANJOS, 2001, p. 32).

O compromisso assumido consigo mesmo de escrever as memórias de sua família, na realidade, assumiria a forma de um doce e cômodo refúgio para o amanuense. Entretanto, tal empreendimento mostra-se falho, em certa medida, já que aos poucos o que Belmiro percebe é que o presente vai tomando conta da narrativa. Desse modo, o que era para ser um livro de memórias, acaba por se tornar uma espécie de diário, onde relata todas as suas alterações com a realidade, como podemos comprovar através de suas palavras:

Vejo que, sob disfarces cavilosos, o presente se vai insinuando nestes apontamentos e em minha sensibilidade, e que o passado apenas aparece aqui e ali, em evocações ligeiras, suscitadas por sons, aromas ou cores que recordam coisas de uma época morta. (ANJOS, 2001, p. 39).

Primeiramente, do ponto de vista do personagem, o diário é visto como uma espécie de preparação para um livro de memórias, como podemos ver no relato do personagem, “É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia” (ANJOS, 2001, p. 31). Seu projeto inicial de conceber suas memórias necessitava, segundo Belmiro, do alinhamento desses apontamentos. Nesse sentido, o diário é um modo de fixação mnemônica de situações e um modo de preservar antecipadamente as memórias. A esse respeito, afirma Philippe Lejeune:

[...] a anotação quotidiana, mesmo que não seja relida, constrói a memória [...]. É a versão moderna das “artes da memória” [...] O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, “disco rígido” e memória viva (LEJEUNE, 2008, p. 262, grifo nosso).

Assim, ao escrever e relatar o seu dia-a-dia, o diarista o conserva como memória e o preserva das deturpações ou fantasias que porventura possa sofrer ao ser lembrado. O diário, sob esse aspecto, seria uma tentativa de recordação verídica, a mais fiel possível à realidade do vivido. Quando destacamos a palavra “ação” do excerto acima queremos trazer à tona o caráter dúbio que o gênero diarístico representa. Se por um lado existe uma inação da parte do diarista – ao renunciar à vivência real para se prender ao relato –, por outro lado, o relato do vivido consiste numa ação, no sentido de construir uma memória.

O diário, além de dar conta do presente e se ater a ele, é perpassado pelo futuro como horizonte de expectativa em seu presente relatado, já que “o diarista se protege da morte através da ideia de continuação. A escrita de amanhã, por sua reduplicação indefinida, tem valor de eternidade” (LEJEUNE, 2008, p. 270).¹ Além disso, o diário possui em si duas orientações bem distintas. Na primeira, ele é um aliado da memória, dado que, nesse caso, a escrita assumiria o papel de aliada da recordação, em seu viés mais verossímil possível, transformadora do presente em passado. Já na segunda, ele pode também ser um inimigo da memória, uma vez que ao prender aquele que escreve ao passado, também o impede de evoluir.

Segundo Lejeune, a constituição do diário põe em evidência “o gosto pela escrita e a preocupação com o tempo” (LEJEUNE, 2008, p. 258), pois é uma tentativa de delimitação do tempo e de acompanhá-lo em seu fluxo. Com efeito, o diário baliza o tempo e focaliza a duração. Para o autor, diário e memorial são gêneros que apresentam uma diferenciação no que diz respeito à focalização do tempo. De acordo com esse viés, o diário é uma sequência de vestígios, pois se mantém em dia com o fluxo do tempo, “pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências” (LEJEUNE, 2008, p. 260). Já o memorial, corresponde ao vestígio único, que tenta “fixa-lo em um único momento-origem” (LEJEUNE, 2008, p. 260).

Escrevendo seu diário, o diarista tece uma maneira de administrar a si mesmo e seu próprio arquivo. Como se inscreve na duração, o diário pretende conservar e transformar o relato do vivido em memória. Podemos observar ainda que, dentro da narrativa, haverá momentos em que os dois gêneros – o diário e as memórias – e os dois períodos temporais – o

¹ O diário visto como atividade de crise estaria também ligado ao exercício de pulsão de morte, onde se escreve para esquecer e expurgar os males do espírito, livrar-se do peso das emoções. Ou seja, escrever é uma maneira de destruir esse arquivo mental. Sendo assim, o que caracteriza esse tipo de diário é que ele está em busca do seu próprio fim, isto é, ao “construir para si uma memória de papel, criar arquivos do vivido, acumular vestígios, conjurar o esquecimento, dar à vida a consistência e a continuidade que lhe faltam...” (LEJEUNE, 2008, p. 277). É o que se pretende ao fixar o tempo através da escrita.

presente e o passado – se tocam, visto que nosso protagonista, mesmo não escrevendo um livro de memórias, faz evocações constantes ao seu passado, ao passado da família Borba. Logo, deparamo-nos com a existência de um grande conflito vivido pelo protagonista, um conflito temporal entre narrar o presente ou rememorar o passado e que irá integrar toda a elaboração do seu diário.

No decorrer de seus apontamentos, Belmiro reflete sobre o conflito entre presente e passado e sobre o insucesso de escrever as memórias de um passado, que acabou sendo tomado pelas memórias do presente, “Jamais pensei, naquela ocasião [em que decide escrever suas memórias], ou antes dela, que o presente pudesse vir dominar-me o espírito por forma tal, dele expelindo as imagens do passado que então o povoavam, abundantes e vivas” (ANJOS, 2001, p. 95).

O presente vai, assim, expulsando o passado. O diário se impõe sobre o desejo de memórias. A vida dos amigos e seus mundos vão se impondo sobre os assuntos da Vila e da família Borba, tornando difícil para si resistir aos apelos do tempo presente. No entanto, ao mesmo tempo, sua necessidade de rever e de se encontrar no mundo caribano, trazem para este presente tão atraente, algumas evocações do tempo passado. Dessa forma, o tom do romance é orquestrado pela oposição entre presente e passado, sendo que este envolve, como já vimos, a relação entre o diário e o projeto das memórias.

Simultaneamente, o diário exerce dentro do romance a função de ser um meio pelo qual o narrador-personagem pode isolar-se relativamente do presente. Segundo a perspectiva de Béatrice Didier (1991), a escrita do diário é a escrita do isolamento e talvez por isso, esse isolamento a que o autor se impõe gera o recuo em relação à ação, posto que aquele que esteja a escrever sobre si, se omite a agir em sua própria vida. Assim, outra característica desencadeada pelo isolamento seria a possibilidade de ver no diário um processo de exame de consciência. Nesse caso, escrever e relatar sobre o “vivido” torna essa realidade menos dissolúvel, e mais aprazível, já que sob esse aspecto, para Green *apud* Didier (1991, p. 20) “escrever se confunde com existir”². Dessa forma, a existência se consuma apenas pelo processo de escrita.

O diário também é um espaço onde o eu escapa à pressão social. Escrever, como vimos anteriormente, é um refúgio, um espaço de desabafo do eu, torna-se o lugar em que o “eu” busca conhecer-se através do exame de consciência. É o momento de introspecção, onde o diarista procura questionar sua vivência e refletir sobre ela, como se tratasse de um outro.

² ...*écrire se confond avec être*. [tradução minha]

Quando me escrevo, me torno outro, e o exame de consciência torna-se menos árduo, pois “podemos nos olhar com distanciamento” (LEJEUNE, 2008, p. 263). Também o diário é um exercício de libertação que leva ao equilíbrio. Protegido por este espaço de escrita, que figura longe das imposições sociais, o diarista possui a liberdade para revelar aquilo que quiser. Expurgando todos os males de seu “eu”, alcança o equilíbrio individual, podendo sentir-se menos oprimido pelo mundo exterior. Ao exercer essa liberdade através da escrita, o diarista anseia pelo equilíbrio individual, apaziguando seus conflitos com a realidade.

Segundo Didier, sob o ponto de vista da psicanálise, o diário é o espaço de revelação dos interditos, onde o diarista pode processar sua própria cura, ao se autoanalisar. No *Amanuense*, vemos que o diário assume esse papel para a existência de Belmiro, pois a escrita faz com que nela surja um ser diferente do que se lhe aparenta:

Não havendo outras, uma vantagem encontraremos em deixar no papel o registro dos acontecimentos de nossa vida: veremos surgir aos nossos olhos, para instrução e advertência nossa, um ser bem diferente daquele que supúnhamos encarnar. Quantas contradições, quão diversos estados de espírito, que inexperiência, que desconhecimento de nós próprios! (ANJOS, 2001, p. 209).

Dessa forma, ao analisar as pessoas de sua convivência, Belmiro analisa as relações que trava com as mesmas, relações estas que dizem muito a respeito do próprio narrador-personagem. Cabe ressaltar que mesmo abordando o outro em seus relatos, o diarista enfatiza a si mesmo, consciente ou inconscientemente.

Por esta autoanálise e autoconhecimento proporcionados pela escrita do diário, perpassa a análise dos outros, consumada através dos relatos que Belmiro faz a respeito da vida daqueles que o circundam. Entretanto, os outros, focalizados pelo narrador-personagem, são, ao mesmo tempo, uma medida de comparação para que Belmiro veja a si mesmo. Tal constatação torna-se evidente em suas relações com seu círculo de amigos.

Escrever é “inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar” (LEJEUNE, 2008, p. 264). Não poderia ser diferente, posto que através da escrita eu me reconstrua inserido em meu refúgio (ação passiva), diversamente de me entregar à vivência real (posição ativa). Discutindo mais amplamente a questão da ação/inação, tomemos as palavras de Blanchot *apud* Lejeune, onde o autor expõe a dupla nulidade que se manifesta no diário, “Quem não faz nada na vida, escreve que não faz nada e pronto, é como se houvesse feito alguma coisa” (LEJEUNE, 2008, p. 266).

É exatamente o que diz Gregorio Marañón e que Belmiro cita, aplicando a frase a si mesmo no capítulo 72: “No homem adulto, a prática do diário equivale a uma progressiva

supressão da personalidade ativa, ativa, social, de seu autor”³ (ANJOS, 2001, p. 194). Neste caso o diário pode ser encarado como uma espécie de suicídio, como afirma a conclusão de Marañón: “Na verdade o diário equivale a um lento suicídio”⁴ (ANJOS, 2001, p. 194).

Sob esse aspecto, Blanchot enxerga o diário como o gênero por excelência do fracassado, do ser que possui a personalidade fraca e não está apto para agir no mundo. O diário camuflaria, portanto, o reconhecimento da inação do diarista perante o mundo exterior. Todavia, a relatividade de tal interpretação transparece se nos propusermos a encarar a escrita como uma possibilidade vislumbrada pelo “eu” de agir no mundo exterior. Dessa forma, o “eu” que se constrói através da escrita, busca uma compreensão de si mesmo no intuito de alcançar uma existência equilibrada e, talvez, agir em um futuro. Tomemos para análise, a construção de Belmiro:

Dir-se-ia que há em mim um processo de resfriamento periférico. Os outros tem pernas e braços para transmitir seus movimentos interiores. Em mim, algo destrói sempre os caminhos, por onde se manifestam as puras e ingênuas emoções do ser, e a agitação que me percorre não encontra meios de evadir-se (ANJOS, 2001, p. 35-36).

Como podemos perceber, outro traço constitutivo do personagem Belmiro e que é bastante notável é a sua relativa inatividade. Relativa, visto que, mesmo não tomando nenhuma atitude perante a vida, se deixando levar pelos acontecimentos e pelas forças esmagadoras da realidade, vimos que ação de Belmiro se concentra no seu processo reflexivo consumado através do diário. Se no plano da ação ficcional Belmiro é um ser que apresenta extrema inatividade, o mesmo não acontece no plano da sua consciência.

A esse respeito, de acordo com Didier “o diário é o refúgio da intimidade, porquanto não seja produção. A intimidade é o interior; a produção é o exterior”⁵ (DIDIER, 1991, p. 132). Assim sendo, a escrita da intimidade de um “eu”, assim como é posta no diário, imprime uma redução da ação, portanto, torna impossível que esta seja elemento estrutural da narrativa. Tanto esteticamente quanto psicologicamente, não há ação. A ausência de ação presente no diário deve-se à inação que norteia este “eu” que escreve. Mas, além disso, Didier nos alerta para o fato de que, no diário, uma vida ativa também correria o risco de se mostrar

³ *En el hombre adulto la práctica del Diario equivale a una supresión progresiva de la personalidad activa, social, de su autor.* [tradução minha]

⁴ *En realidad un Diario equivale a un lento suicidio.* [tradução minha]

⁵ *Le journal est le refuge de l'intimité, parce qu'il n'est pas une production. [...] L'intimité, c'est le dedans ; la production c'est le dehors.* [tradução minha]

inativa, distanciando-se da narrativa em seus moldes tradicionais. Logo, seria a fórmula do diário a responsável pela inação.

Direcionando nossa abordagem teórica para as questões relativas ao “eu”, observamos que o diarista tenta se constituir enquanto um “eu” em unidade através do diário, sendo este o meio pelo qual o “eu” tenta juntar seus pedaços. O diário, sob esse aspecto, assume a forma de um espelho, a que Didier nomeia, de acordo com Lacan, como « *stade du miroir* ». Entretanto, a autora atenta para o fato de este ser um falso espelho, porquanto o diário não seja um mero reflexo especular de um “eu”, já que esse “eu” assume, de fato, vários aspectos. Por conseguinte, não se deve confiar no estatuto de verdade do diário.

Normalmente, o diarista entende o seu interior como uma espécie de gestação. Dessa forma, transportá-la para o diário é o mesmo que dar à luz a esse ser interior. Este pensamento também está em Belmiro. Para o amanuense, sua obra se assemelha a uma gestação. Sente-se grávido de seus trinta e oito anos, logo, é necessário pari-los na forma do diário, “Estava, então, concebendo qualquer coisa, e essa coisa se me agitava, no ventre, reclamando lugar ao sol.” (ANJOS, 2001, p. 95). O diário é o lugar de gestação desse eu interior, da sua autoanálise.

Esta gestação mostra-se complexa, pois o diarista se revela inicialmente, dois. Um que age e se vê agir e o outro que escreve. Sendo que, este segundo apresenta-se como uma personalidade essencialmente superior em relação ao primeiro. Essa duplicidade é corroborada na personalidade de Belmiro, que tem dentro de si um Belmiro patético – aquele que está a viver e “agir” no mundo – e outro, o Belmiro sofisticado, que escreve sobre o primeiro, autoanalisando e o punindo. Estes dois Belmiros lutam entre si, como numa batalha épica. De um lado, um Belmiro lírico que anseia por conceber qualquer coisa. De outro, um Belmiro cínico e sofisticado que matou seus dois outros projetos de escrita anteriores.

A esse processo deu-se o nome de desdobramento⁶, que também se dá quando o diarista relê o próprio diário, pois ao reler seus apontamentos, se vê como um outro “eu”. Nesse caso, de acordo com Didier (1991, p. 118) estabelece-se uma relação múltipla entre “o ‘eu’ que escreve, o ‘eu’ que lê no presente, o ‘eu’ que escreveu o diário e, por fim, o ‘eu’ que foi objeto deste diário no passado”⁷.

⁶ A experiência de desdobramento do “eu”, ou melhor, o distanciamento existente entre o “eu” que escreve e o “eu” que está contemplado na escrita, é comparado por Michèle Leleu *apud* Didier, a uma experiência alucinógena.

⁷ ... *le moi qui écrit, le moi-au-présent-qui-lit, le moi-qui-a-écrit le journal et enfin le moi-qui-était-l’objet de ce journal passé.* [tradução minha]

Didier alerta para a possibilidade de diferença existente entre o “eu” sujeito – aquele que escreve – e o “eu” objeto – aquele que é objeto da escrita, ou seja, o que está relatado no diário. Esta divergência se deve à inserção da dimensão temporal sobre a escrita, visto que o conteúdo relatado pelo diarista não corresponde com exatidão ao que foi vivido em seu momento exato. De fato, tais momentos são relatados pelo “eu” depois de tê-los pensado.

A relação entre o diário e o diarista é sempre mais amena que a relação que se instala no nível interior entre o “eu” que escreve e analisa o “eu”-objeto da escrita. O diário recebe o conflito que será retratado entre esses dois eus. Por isso, sua relação se assemelha a de um padre que recebe a confissão. Sendo assim, o diário tem uma natureza e uma existência importante, como se tratasse de um indivíduo, um objeto ou um lugar. O diário também é, ao mesmo tempo, o “eu” que espia e o que é espiado. Ele se passa pelas duas facções do “eu”. Para Belmiro, a metáfora que melhor define este gênero é o palco, onde seu “eu” pode:

[...] transferir os problemas para o Diário e realizar uma espécie de teatro interior. Parte de nós fica no palco, enquanto outra parte vai para a plateia e assiste. O indivíduo que ficou no palco nos fará rir, nos comoverá ou nos suscitará graves meditações. Mas é um indivíduo autônomo, e nada temos que ver com suas palhaçadas, suas mágoas, ou sua inquietação. Terminado o espetáculo da noite, tomamos o bonde e vamos para casa sossegados, depois de um chocolate. Durante o dia, o comediante se encarnará em nós e teremos de tolerá-lo. Mas à noite, com a pena entre os dedos, somos espectadores sem compromisso. Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno não é o homem fraco que há pouco entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz: ‘Ora bolas’(ANJOS, 2001, p. 198).

A dissociação entre o “eu” que vê e o “eu” que é visto pode se dar de forma mais aparente quando o diarista fala consigo mesmo. Neste caso, “é uma voz superior, a voz da sabedoria, que se dirige ao ‘eu’ considerado como fraco, para ser instruído e repreendido”⁸ (DIDIER, 1991, p. 121). Belmiro age dessa forma, sobretudo quando alguma situação do mundo exterior o leva a escrever para analisar a profundidade de seus próprios abismos:

Novas melancolias são despertadas, o homem sofre, e o amanuense põe a alma no papel. Eis que o amanuense é um esteta: ao passo que há nele um indivíduo sofrendo, um outro há que analisa e estiliza o sofrimento. [...] Mas o homem espia o homem, inexoravelmente. (ANJOS, 2001, p. 36)

O sofrimento causado pela melancolia de não conseguir se fundir na multidão traz a necessidade de por sua alma no papel, para estilizar seu próprio sofrimento. O amanuense tem dentro de si um “eu” que analisa e estiliza o sofrimento do seu outro “eu”. Não há como fugir,

⁸ *C'est une voix supérieure, la voix de la sagesse qui s'adresse au "moi" considéré comme faible, devant être instruit et tancé...* [tradução minha].

pois esse “eu” espia o outro implacavelmente. Destarte, o “eu” que escreve é sempre o julgador – aquele que se compraz no julgamento –, é um aliado da razão. Enquanto que, aquele que está inscrito – “eu” objeto – é o que está aliado à sensibilidade. A partir disso, vemos que se instaura uma relação em que o “eu” que vê e que escreve quer sempre impor sua razão, sua superioridade para repreender e torturar aquele que é visto, como observamos nas palavras de Belmiro: “Encontro uma sorte de libertação em escrever estas páginas, e as aflições do dia se dissipam. Mas a lucidez, que me vem, não serve senão para me mostrar que continuo personagem de uma novela de amor.” (ANJOS, 2001, p.103).

No entanto, não há somente o desdobramento da representação do eu, mas também o desdobramento da representação do mundo. Portanto, o diário traz à tona o embate entre dois eus e entre dois mundos. Um mundo interior – marcado pela variação, mundo diacrônico, mundo da imaginação – e outro, mundo estático, sincrônico, representando o mundo da razão e da reflexão. O primeiro pertence ao “eu” sensível, aquele que é objeto da escrita. Já o segundo, pertence ao “eu” racional e superior, que escreve e julga o primeiro.

Também chama nossa atenção, a poesia presente na representação do mundo interior, metaforizado através das paisagens. Observamos que este talvez seja o caso de Belmiro, pois ele constantemente se refere à sua necessidade de rever as paisagens do mundo caribano. Buscando as paisagens do passado, talvez ele queira buscar seu “eu” interior. Dessa forma, ao empreender esta busca, o narrador personagem busca o autoconhecimento, a autoanálise, que tanto se faz necessária para que se sinta mais à vontade no mundo exterior. Nesse exame de consciência promovido pelo diário, Belmiro se autoanalisa. Fazem parte desse procedimento, a análise de seu presente e de seu passado, posto que ambos sejam importantes para o entendimento de si mesmo.

Com relação ao emprego do tempo na construção do diário, é comum definirmos o diário como o gênero do presente. Entretanto, a única definição certa com vistas ao diário é a de que este é um gênero variável, cujo enquadramento é impossível sob todos os aspectos. Nesse caso, ao mesmo tempo em que o diário abarca o relato do presente, há, em certa medida, uma renúncia do mesmo. A escrita do presente interrompe a vivência desse presente, já que ao escrevê-lo, este já se torna uma espécie de passado.

Em se tratando do *Amanuense*, tal observação torna-se um pouco mais complexa. Belmiro não apenas envolve o presente em seus relatos, como contempla a rememoração de certos aspectos do passado, contrariando a premissa comum de que um diário deve ater-se exclusivamente ao relato do presente. No entanto, o que vemos, de acordo com Didier é que

uma tal estruturação do diário, que oscila entre o relato do presente e a rememoração do passado, é possível neste gênero. Possibilidade esta que advém não apenas da estruturação formal, mas também da estruturação ideológica do diário.

Ora, vimos que o isolamento do presente, com vistas ao exame de consciência desejado pelo diarista, possibilita que este “eu” reflita sobre seu passado e seu presente, sem que haja incoerência no gênero. Logo, as reflexões de Belmiro só se mostram possíveis através do isolamento que este ato de escrita proporciona. Não é ao azar que o diário prevalece sobre seu projeto inicial de memorial.

A partir disso, tem-se outra função exercida pelo diário, dentro do romance. O diário é um lugar privilegiado para que se desenvolvam as reflexões do narrador-personagem sobre seu passado e seu presente, embora essas reflexões pertençam a dois modos diferentes. O primeiro se refere às reflexões de Belmiro que estão ligadas diretamente à ação narrativa, como quando reflete sobre as características dos amigos e os eventos que acontecem no plano narrativo. O segundo modo, remete às reflexões de ordem filosófica ou literária do personagem.

No primeiro modo, as reflexões funcionam como explicações de determinadas situações relatadas no diário. Como, por exemplo, quando Belmiro está a relatar sobre a colação de grau de um de seus amigos, o Glicério. O amanuense diz sentir pena do amigo, pelo fato deste não ter se encontrado na vida. A partir disso, Belmiro passa a ponderar sobre a vida de todos os companheiros da Seção, não apenas Glicério. Para ele, todos os colegas de repartição são na verdade falidos, são indivíduos que ainda não acharam o que fazer da vida, inclusive ele e é por esta razão que acabam ficando raízes na burocracia.

Em outro momento, Belmiro narra uma conversa travada com sua irmã Emília, na qual esta lhe revela o sonho que teve com o velho Borba. Com a descrição do sonho, o narrador põe-se a rememorar o passado, sobretudo, a criação das irmãs e o fato delas serem completamente ignorantes – o que trazia profundo desgosto ao velho Borba. Entretanto, sem o conhecimento da linguagem que caracterizava o pai, Emília, em seu comportamento, era a única que continha a força da figura paterna. Tais pensamentos, que oscilam do passado ao presente, estão ligados à ação narrativa, posto que expliquem o modo de existência de Emília.

Adiante, quando decide terminar seu diário por falta do que escrever, o amanuense mergulha no passado e retorna ao presente para tecer suas considerações sobre a forma como os Borbas se despediram do mundo – posto que ele esteja a se despedir do diário, que considera a própria transfiguração da sua vida – e como o tempo mudou os quadros que

compunham a vida dos amigos. Enquanto seus ancestrais foram-se de uma vez só, ele está a se despedir lentamente. E ainda, enquanto os amigos passam por transformações de todos os níveis, ele permanece estático e imutável. Estas considerações também estão ligadas à ação narrativa, posto que definam a sua relação com o término da escrita, que é o término de sua existência no mundo.

O segundo modo remete às reflexões que também constam no diário, mas dizem respeito às teorizações filosóficas ou literárias do personagem, como no momento em que Belmiro traça a sua filosofia do esquecimento, que para ele é o que dá repouso à sensibilidade. Por esse motivo, Deus pôs outras coisas que cuidam de favorecer o esquecimento. Entretanto, segundo Belmiro, ao se entreter com essas intermitências que favorecem o esquecimento, aquilo que se queria esquecer volta com uma força ainda maior, devido a uma “ardilosa conspiração das coisas” (ANJOS, 2001, p. 58).

Em outro momento, o amanuense expõe a sua teoria sobre os desnivelamentos da alma humana que tornam impossível a análise dos seres humanos. Somos seres contraditórios e repletos de abismos. Mesmo que tentemos impor certa coerência em nosso espírito, a unidade nos escapa por forças que muitas vezes não parecem estar em nós mesmos, mas em alguma lógica do universo. Somos múltiplos vários e contraditórios. Desse modo, nosso espírito muda de ânimo de acordo com uma lógica que nos escapa e torna-se vã qualquer tentativa de equilíbrio. Essas teorizações possuem o intuito de justificar sua atitude de não conseguir resistir aos devaneios provocados pelas imagens do passado que se misturam à sua imaginação.

Depois desse exame, é preciso observar e dar um lugar especial às reflexões do narrador-personagem que versam sobre as diferenças entre romance e vida, entre o diário e o projeto de memórias. Em determinados momentos de seu diário, Belmiro estabelece algumas relações bastante relevantes acerca do processo de escrita. Essas relações nos são apresentadas através das divergências entre romance e diário – entre o romance e o seu plano de memórias –, e vão sendo inseridas às reflexões do narrador-personagem sobre sua vida, ao longo de seu diário. Essas oposições discutidas por Belmiro é que irão culminar na perspectiva de uma tensa relação existente entre diário e romance, que fazem parte da própria construção romanesca de *O amanuense Belmiro*. Desse modo, trata-se de uma tensão estruturada que pode ser vista, ao mesmo tempo, como uma mistura da dimensão do diário e do romance.

Como exemplo, observamos as oscilações constantes de Belmiro entre o passado e o presente, que são registradas pelo narrador-personagem ao comentar que tais oscilações caracterizam uma “luta interior”, condenando-o a viver num plano que chama de “ficção”:

[...] pus-me a pensar no permanente conflito que há em mim no domínio do tempo. Se, a cada instante, mergulho no passado e nele procuro uma compensação, as secretas forças da vida trazem-me de novo à tona e encontram meios de entreter-me com as insignificâncias do cotidiano. Pelo oposto, é comum, quando o atual me reclama a energia ou o pensamento, que estes se diluam e o espírito se desvie para outras paisagens, nelas buscando abrigo. Tais solicitações contrárias em luta constante, levam-me às vezes a tão subitâneas mudanças de plano, que minha vida, na realidade, se processa em arrancos e fugas, intermináveis e sucessivos, tornando-se ficção, mera ficção, que se confunde no tempo e no espaço (ANJOS, 2001, p. 32-33).

Essas oscilações no tempo, entre passado e presente, projetam-se na escrita do diário na medida em que o projeto de memórias vai cedendo cada vez mais espaço para situações e personagens do presente. A citação é longa, contudo relevante para que possamos iniciar a discussão a respeito de uma série de ambiguidades que dizem respeito às negações reiteradas de Belmiro de que esteja a escrever um romance.

Percebemos que o narrador-personagem sente suas oscilações no domínio do tempo e da escrita imporem-se contra sua vontade, como se sua vida tratasse de um romance – engendrado por outra pessoa e não por ele mesmo; pois, como veremos posteriormente, para Belmiro o romance é feito dessa forma, os personagens e os acontecimentos vão se impondo sem que seu autor tenha uma ideia preconcebida. O Belmiro que escreve seu diário refere-se a um outro escritor – neste caso, o Belmiro narrador de um romance em cuja estrutura o diário está incluso. Mais à frente, Belmiro reflete diretamente sobre o conflito entre presente e passado que se impõe em sua escrita. Pondera sobre o insucesso de escrever as memórias de um passado que acabou sendo tomado pelas memórias do presente. Desta forma, os personagens foram se insinuando sem que pudesse ter um controle sobre o que está a escrever.

Desse modo, o conflito entre passado e presente deixa de tematizar a relação entre diário e escrita de memórias para tematizar, do ponto de vista de Belmiro, um novo conflito aquele entre diário e romance. Para Belmiro, a vida se compara à escrita de um romance, já que da mesma forma que os personagens vão surgindo e impondo-se sobre a mente criativa do autor, as pessoas e seus mundos vão incidindo sobre os nossos.

Já em outro momento, o narrador-personagem avista uma diferença entre sua vida – sua vida escrita em forma de diário – e um romance. Ao tecer comentários sobre a personalidade de outros dois amigos, Jandira e Redelvim e tramar (imaginariamente) um

possível enlace matrimonial entre ambos, ressalta que o casamento seria o melhor meio de dar cabo de duas figuras de personalidade tão difícil quanto os dois amigos, mas que isto só seria possível em um romance, já que a vida é bem mais complicada. De uma perspectiva crítica abre-se a questão da vida de Belmiro estar confinada ao diário, pois sua representação alcança o plano da narrativa (do romance) nas várias situações em que o amanuense participa da ação narrativa.

Outra consideração feita pelo narrador-personagem diz respeito à oposição que estabelece entre um diário e seu plano de memórias, entre o diário que estava a escrever e seu projeto inicial. Belmiro assim apresenta seu ponto de vista, “Prometi a mim mesmo que jamais escreveria um livro que, se não lhe pudesse dar proporções monumentais. E, logo, ao iniciar a tarefa, pude ver que de mim nunca sairia um monumento” (ANJOS, 2001, p. 187). Portanto, o amanuense define o diário como uma obra que nada tem de monumental, diferentemente de sua intenção de escrever um livro que assim o seja. Neste caso, podemos inferir que as memórias que ele pretendia escrever seriam este livro monumental, enquanto que, para ele, o diário é inversamente uma obra menor.

Entretanto, ao passo que seu plano de memórias acaba se tornando um diário, este também não se apresenta como deveria. O amanuense faz essa ressalva sobre a indefinição do gênero que a vida lhe impõe – pois, como vimos, suas escolhas não são feitas por ele, mas por uma lógica que se impõe e da qual ignora o funcionamento – já ao final da obra, quando faz um breve retrospecto do início do processo de escrita. Como já foi assinalado, o projeto das memórias dá lugar ao diário, onde expõe fatos, suas impressões, seus pensamentos, ingênuos a seu ver, e suas loucas fantasias, pois “o presente se insinuava, sob mil formas, no meu espírito e disputava lugar às imagens do passado” (ANJOS, 2001, p. 209).

Por essa razão, sua escrita permanece numa constante tensão, entre escrever o presente e rememorar o passado. Não tem segurança de definir seus escritos como diário, pois da mesma forma que o presente disputava espaço em seu projeto de memórias, o passado também lhe cobrava espaço no que deveria ser única e exclusivamente a escrita do presente. Ao final, mais uma vez, Belmiro reitera sua oposição entre vida e romance. Julgando não ter nada mais a escrever sobre si, o amanuense cogita a possibilidade de continuar o diário contemplando apenas a vida dos seus circunstantes:

Continuar a acompanhar a vida dos outros? Isso seria interminável. A vida dos amigos apenas se me revelou quando incidiu na minha. [...] Só conhecemos, aliás, a vida alheia pelos seus pontos de incidência com a nossa: o mais é conjectura ou romance. Não tenciono escrever romance (ANJOS, 2001, p. 209-210).

Para Belmiro, escrever sobre os amigos é impossível, posto que haja entre eles um afastamento promovido pela ação do tempo. Logo, só poderia escrever sobre a vida dos mesmos se tentasse predizê-las, ou se escrevesse romance, uma vez que o romance é o lugar ideal para que a vida dos outros seja inventada. Assim sendo, para Belmiro, o romance é invenção e o que nosso narrador-personagem escreve, é a própria vida. Dessa forma, Belmiro introduz uma alusão ao próprio romance que está sendo escrito pelo narrador. As reiteradas negações de que esteja escrevendo um romance podem ser lidas em termos de uma estratégia de construção *sui generis* da ficcionalidade neste livro de Cyro dos Anjos. Assim, podemos assinalar a existência de um escritor que constrói, à revelia do próprio Belmiro, um livro do qual Belmiro é o narrador-personagem.

Desse modo, vemos que Cyro dos Anjos recria em *O Amanuense*, a realidade de um indivíduo, imerso em sua própria solidão. Assim, chegamos à importância que o diário assume no romance. Vimos, ao longo de nossa análise, que o diário cumpre uma série de funções no romance. Ao tratarmos da oposição entre o projeto idealizado por Belmiro e o diário que escreve, o que permanece em evidência é o seu caráter de fixação mnemônica – em que as situações do presente, ao passarem pela escrita, são fixadas e transformam-se em memória. Assim, o diário dá a Belmiro um meio para que possa analisar a si mesmo, ao mesmo tempo em que figura como possibilidade de construção de uma memória do presente ao formar o seu arquivo de experiências.

Como vimos, Se nos ativermos às especificidades da estruturação desse gênero e da sua relação com o “eu”, o diário aparece como uma maneira de isolar-se do presente, de ater-se à reflexão, de prática de autoanálise, de busca do equilíbrio. Através desse processo empreendido pelo protagonista é que temos acesso ao seu mundo e ao de seus amigos e família. Esse gênero revela-se de suma importância para o romance, posto que desencadeie alguns desdobramentos, que podem ser comprovados através da existência dos diários de outras personagens. Desse modo, vemos como o diário e o romance estabelecem uma tensa relação no engendramento da obra, uma vez que, a partir dela, podemos entender a união entre vida e literatura na composição do perfil do amanuense.

Referências

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense Belmiro*. 16.ed. Belo Horizonte: Garnier, 2001.

BLANCHOT, Maurice. A solidão essencial. In: _____. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987, p. 10-25.

DIDIER, Béatrice. *Le journal intime*. 2. éd. Paris : Presses Universitaires de France, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução e Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

[Recebido em julho de 2012 e aceito para publicação em outubro de 2012]

The relationship between diary and novel in *O amanuense Belmiro*

Abstract: In this paper, we develop the theoretical approach daily as part of the writing itself, according to the formulations of Philippe Lejeune (2008) and Béatrice Didier (1991). Thus, our main objective is to analyze the relationship between daily and memory in *O amanuense Belmiro*. Thus, exposing the characteristics that make up the structure and functioning of the diary will always lead to the establishment of specific manifestations of this relationship on the novel by Cyro dos Anjos. Initially, we analyze the relationship between the diary and the memories, once that the diary is presented for the narrator-character as a way of turning present situations into memory. Accordingly, we discuss the contrast between past and present that make up the Belmiro diary. Then, we will treat the diary as a way to isolate itself from the present – and here are included initial assumptions that characterize the diary and their training, in turn, favor the character's reflections on his past and present – where we will distinguish between those included in the diary and others who have a relationship with the narrative action. Finally, we will discuss the formulation of Maurice Blanchot (1987) to analyze the tense relationship between diary and novel in the construction of this novel.

Keywords: Diary. Memory. Novel. Writing itself.

